



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

CARTOGRAFIA DO INVISÍVEL: MEMÓRIA E IDENTIDADE NEGRA NA PEQUENA ÁFRICA

*STÉFANY DOS SANTOS SILVA*¹

*GLAUCINEIDE DO NASCIMENTO COELHO*²

Resumo: Este estudo consiste em um ensaio parcial de um trabalho de conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo, e tem como objetivo estudar a importância da memória para construção identitária do povo preto, que vem sendo apagada desde a escravidão como mecanismo de dominação por parte do grupo hegemônico. Desse modo, iremos investigar a relação entre a memória, a invisibilização da comunidade negra e a segregação racial, utilizando como recorte espacial a Pequena África do Rio de Janeiro, que foi povoada por negros libertos vindos de Salvador e de África no final do século XIX. Metodologicamente, o presente trabalho reconstrói a história da territorialidade negra em ação na Pequena África no Início do século XX, através do mapeamento de Terreiros de Candomblé, zungus, quilombos urbanos, casas das Tias Baianas, cortiços, organizações de trabalho e grupos ligados ao samba e ao carnaval, a partir de relatos contidos nas obras de João do Rio, Roberto Moura e Agenor Miranda. De maneira breve, analisaremos um dos elementos que constitui a memória sob a ótica das reformas urbanas, identificando os impactos destas na organização espacial da comunidade negra. Por fim, avaliar as consequências desses processos de urbanização para a construção de uma cidade cada vez mais segregada social e racialmente.

Palavras-chave: Memória, cartografia, racismo, segregação urbana e territorialidade.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esse trabalho tem por objetivo discutir a importância da memória para a construção da identidade de um indivíduo ou de um grupo, e a relação direta entre esse elemento e a apropriação e permanência da população negra no território. Tendo em vista o racismo estrutural atrelado às questões urbanas, analisaremos como os processos de urbanização tem contribuído para a obliteração da memória e por consequência a invisibilização da população negra na cidade do Rio de Janeiro, acentuando as desigualdades sociais, econômicas e raciais.

¹ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFRJ, Brasil. stefany.santos@hotmail.com.br.

² Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da FAU, UFRJ, Brasil. coelhoglaucci@gmail.com.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Memória e Território são objetos de disputa e vem sendo negados a população negra em diáspora desde o período da escravidão. A instituição da Lei de Terras em 1850, a estigmatização de cortiços e favelas, os constantes processos de remoção e falta de registros da trajetória dos negros no Brasil são alguns dos exemplos de ações do estado que contribuem para a invisibilização da comunidade negra e o aumento das desigualdades socioespaciais.

A partir do recorte territorial da Pequena África do Rio de Janeiro, grande quilombo urbano que guarda a memória da escravidão e da liberdade, o presente trabalho busca visibilizar as territorialidades negras existentes na primeira metade do século XX a partir do resgate dos elementos que constituem a memória: acontecimentos, pessoas e lugares (POLLAK, 1992). Através de registros encontrados em jornais e revistas, e no texto de autores como João do Rio, Roberto Moura e Agenor Miranda, construiremos uma cartografia que possibilitará não só a inscrição da população negra no território, como também analisar as dinâmicas presentes no espaço urbano na época e os movimentos de deslocamento e dispersão do povo preto a partir dos processos de transformação urbana que impactaram a zona portuária.

2. MEMÓRIA E IDENTIDADE NEGRA

O resgate da identidade negra e sua valorização têm sido pautados por diversos grupos e autores como essencial para o combate ao racismo estrutural que norteia as relações socioeconômicas em nossa sociedade, impedindo que o ser negro viva em plenitude de liberdade e de direitos. O mito da democracia racial, baseado na ideia de que através dos processos de miscigenação as relações raciais no Brasil estariam livres de conflitos, foi fundamental para o mascaramento do racismo e a destituição do negro de sua identidade, contribuindo para a subjugação do mesmo.

No livro *O Quilombismo*, Abdias do Nascimento aponta para a importância do apagamento da memória negra ancestral para o processo de dominação e



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

escravização dos corpos negros, sendo essa a primeira medida a ser tomada pelo grupo dominante. Se no período escravocrata a ruptura das relações de mulheres e homens negros preto com sua terra, seu povo e seus deuses foi fundamental para o controle deste grupo, no pós-abolição essa prática é mantida através da queima de documento referentes ao tráfico e a escravidão, e da destruição de instrumentos de tortura (NASCIMENTO, 1980).

Ao longo desses 130 anos que sucedem a abolição da escravidão, novas práticas do racismo têm sido elaboradas, criando um grande repertório que garante a manutenção dessa desmemoriação, e por consequência a dominação dos corpos negros. A desvalorização da cultura negra, a demonização das religiões de matriz africana e a invisibilização da história africana e dos negros em diáspora são algumas ferramentas que contribuem para o fortalecimento de narrativas hegemônicas em detrimento daquelas que constroem a identidade do povo preto.

[...] o negro brasileiro tem de enfrentar uma teia emaranhada de sutilezas domesticadoras que principia no já citado fenômeno da obliteração de sua memória, depois vem a violação miscigenadora, o estupro aculturativo, a imposição sincrético-religiosa, enfim, todo um elenco de máscaras para ocultar o desprezo das nossas elites que só tratam dia e noite de neutralizar a nossa integridade de ser total. (NASCIMENTO, 1980, p.86)

Para Abdias do Nascimento, o ponto básico de início dessa discussão consiste no fato de que “quem não tem passado não tem presente e nem poderá ter futuro” (NASCIMENTO, 1980, p. 97), o que reafirma a necessidade de um resgate identitário e a salvaguarda da memória para a existência plena de mulheres e homens negros. O historiador Michael Pollak também aponta para a importância dessa conexão entre o passado e o presente através da memória, e sua relevância na construção de um sentimento de continuidade para a formação da identidade individual ou coletiva, e a criação de representações imagéticas destes indivíduos para si e para os outros (POLLAK, 1992).

Se por um lado a ruptura com o passado e o apagamento de memória são artifícios utilizados para a dominação de um grupo, por outro a construção de uma história de



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

valorização do grupo dominante é essencial para a consolidação do poder de um sobre o outro. Nesse sentido, memória e identidade são valores disputados em conflitos sociais (POLLAK, 1992, p. 5), e seu registro através da documentação ou construção de monumentos contribuem para a construção de uma história dos vencedores³. Para tal é preciso que outras narrativas sejam silenciadas e invisibilizadas para que haja uma identificação com essa história oficial construída (PAOLI, 1992).

Veja-se como exemplo as últimas tentativas de se fazer memória aos avôs de Presidentes, ou de substituir nomes de ruas pelos dos pais ou outros ancestrais de políticos – iniciativas quase sempre patéticas de produzir o passado. Às vezes foi necessário matar Presidentes para consegui-lo... (PAOLI, 1992, p.27)

Em uma entrevista realizada com o líder quilombola do Quilombo da Pedra do Sal, Damião Braga, a alteração do nome de uma rua é colocada como um desses casos de criação de memórias que colaboram para a construção da história do vencedor em detrimento do apagamento da memória negra na zona portuária do Rio de Janeiro.

A Pedra do Sal, local que guarda memórias da escravidão, do quilombo e da cultura negra, situa-se no bairro da Saúde e compõe o Circuito Histórico e Arqueológico da Celebração da Herança Africana. A rua que dava acesso ao morro da Conceição a partir da Pedra do Sal recebia o mesmo nome desse local histórico que, entretanto, foi alterado em 2012 onde o trecho foi incorporado a Rua Argemiro Bulcão. Para Damião, a troca de nome contribui para invisibilização da comunidade negra e homenageia a figura de um homem desconhecido na região.

³ O termo história dos vencedores foi trabalhado por Walter Benjamin e foi introduzido no texto de Maria Célia Paoli para a construção do debate sobre o direito ao passado.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Imagem 01: Mapa da região da Pedra do Sal, 2012. Imagem 02: Mapa da região da Pedra do Sal, 2018.



Fonte: [ImagineRio](http://ImagineRio.com).



Fonte: Base cartográfica do Google Earth.

Tendo a cidade como palco para esse debate sobre a obliteração da memória negra, é possível perceber que as ações dos poderes público e privado caminham no sentido de remover ou invisibilizar na paisagem a população negra e pobre, contribuindo para o aumento da segregação racial na cidade. A estigmatização e a remoção de cortiços e favelas são práticas empregadas desde o início do século XX, identificada nos planos de urbanização de Pereira Passos (1902 - 1907) e de Agache (1927 - 1930), e continuam presentes no atual processo de transformação da cidade impulsionado pelo acontecimento de dois grandes eventos, a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

Como forma de visibilizar as narrativas escondidas sob as camadas de reforma urbana, faremos um resgate da memória negra a partir dos três elementos que a constituem e que são apresentados por Pollak (1992): As pessoas, os lugares e os acontecimentos.

3. CARTOGRAFIA DO INVISÍVEL

3.1 Cartografia e poder

Assim como o território e a memória, a produção cartográfica também é um objeto em disputa, pois é realizada majoritariamente pelos grupos dominantes que detêm poder

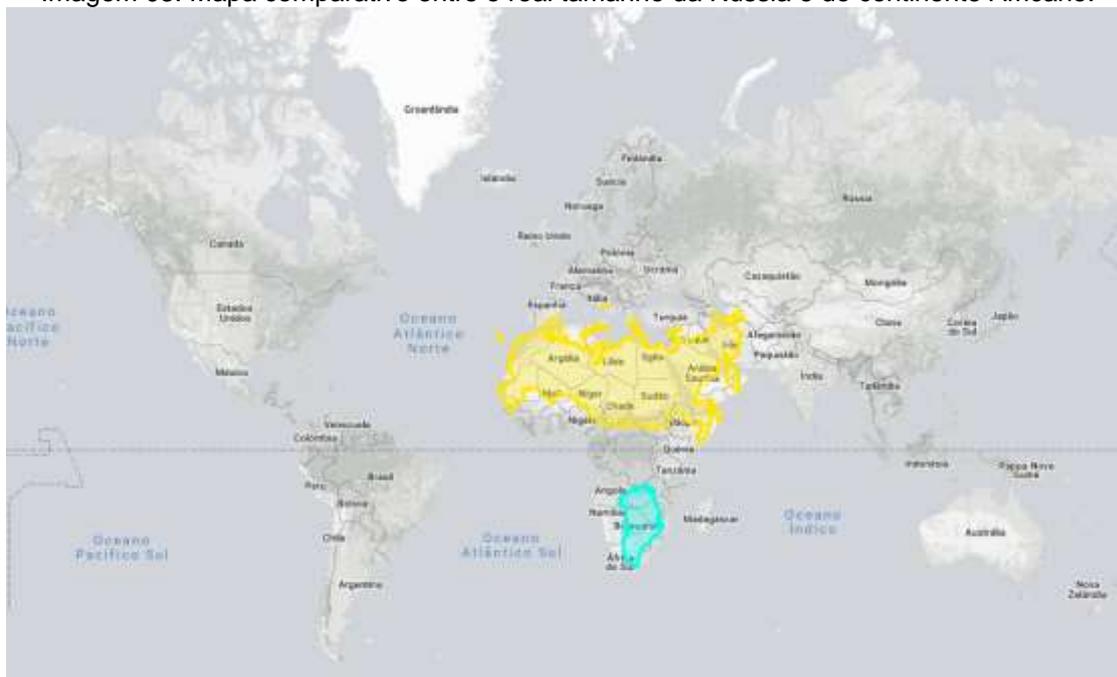


SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

de revelar ou ocultar informações de acordo com seu interesse. A construção dos mapas mundiais é um exemplo disso, que vai desde a distorção da proporção entre os países, aumentando aqueles que possuem maior poder, até a escolha da orientação do mapa ou localização central de um determinado continente.

Tendo como base a projeção de Mercator, criada em 1569 pelo cartógrafo belga Gerardo Mercator, os mapas utilizados ainda hoje apresentam distorções de escala que nos induzem a enxergar os países do norte com dimensões maiores do que a realidade. Pensando nisso a plataforma THE TRUE SIZE OF permite comparar o tamanho real dos países através de uma base cartográfica, contribuindo para a desconstrução da forma como enxergamos o mundo.

Imagem 03: Mapa comparativo entre o real tamanho da Rússia e do continente Africano.



Fonte: [The True Size](#).

No mapa acima podemos comparar o tamanho de dois países, Rússia (em amarelo) e Groelândia (em azul), com o tamanho do continente africano. Ambos os países aparentam ter área semelhante ou superior à da África devido as distorções da



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

planificação do globo terrestre, contribuindo para a construção de uma imagem de superioridade e poder dos países do hemisfério norte.

Os mapas são representações ideológicas. A confecção de mapas é um dos principais instrumentos que o poder dominante tem historicamente usado para a apropriação utilitarista dos territórios. Esta maneira de operar supõe não apenas uma forma de ordenamento territorial, mas também a demarcação de novas fronteiras para indicar as ocupações e planejar as estratégias de invasão, pilhagem e apropriação de bens comuns. Desta forma, os mapas que normalmente circulam são o resultado do olhar que o poder dominante recria no território produzindo representações hegemônicas funcionais para o desenvolvimento do modelo capitalista [...] (RISLER, ARES, 2013, p.7)

Outro mecanismo de inviabilização de grupos ou populações é a ausência do georreferenciamento de favelas e quilombos, onde nesse último o processo depende de um reconhecimento prévio do INCRA. Segundo o documentário “Todo mapa tem um discurso”, de Francine Albernaz e Thaís Inácio, até o ano de 2014 as favelas não constavam na cartografia oficial da cidade produzida pelo instituto Pereira Passos e nem em mapeamentos digitais como é o caso do Google Maps. Em decorrência da Copa do mundo, o nome favela havia sido substituído por morro, sugerindo uma ausência de ocupação da área. Só no ano de 2016 as favelas e suas vias passam a ser visíveis no Google Maps.

O filme apresenta questões subjetivas e práticas relacionados a invisibilização das comunidades no mapa, que vão desde a sensação e de exclusão à ausência de registro do imóvel ou endereço. A partir dessa problemática, práticas como o mapeamento coletivo ou a cartografia social são responsáveis por uma ruptura desse modo hegemônico de produção de dados cartográficos, pensadas como uma ferramenta para a promoção do debate em relação a invisibilização de grupos e comunidades.

Com o intuito de resgatar uma memória em processo de obliteração, faz-se necessária a inscrição do povo preto no espaço geográfico e a espacialização das relações sociais do passado, resgatando o que foi apagado da cidade após décadas de



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

reformas urbanas, e do presente, dando visibilidade a resiliência das comunidades negras no território.

3.2 Construindo uma nova cartografia

Através de uma pesquisa de caráter exploratório, propõe-se um resgate da territorialidade negra na Zona Portuária do Rio de Janeiro no início do século XX, a partir de análises bibliográficas que marquem tanto o processo diaspórico como surgimento da Pequena África. Como fonte de pesquisa foram utilizados três autores: o cronista João do Rio, com seus relatos escritos em 'As Religiões do Rio' (1904), o professor e babalaô Agenor Miranda, 'As nações Kêtu: origens, ritos e crenças: os candomblés antigos do Rio de Janeiro' (1994), e o cineasta Roberto Moura, em seu livro Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro (1995).

A partir da inscrição da comunidade negra no mapa poderemos analisar as relações estabelecidas no espaço, o surgimento de um território negro através da criação de redes de apoio e do fortalecimento da identidade. Através do mapeamento da casa das Tias Baianas, dos terreiros de Candomblé, dos percursos dos blocos e ranchos carnavalescos, construiremos um mapa simbólico de resgate da memória e identidade negra no início do século XX.

4. A PEQUENA ÁFRICA DAS TIAS, DO CANDOMBLÉ E DO SAMBA

4.1 Antecedentes históricos: Diáspora Baiana

Dada a decadência do açúcar produzido no Nordeste como principal produto da economia brasileira e a ascensão da produção de café nos estados do Sudeste, aliados ao fim do tráfico negreiro entre a África e o porto de Salvador, o comércio de negros e negras escravizados passa a ocorrer entre a Bahia e cidades como Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Dados retirados do livro de Roberto Moura (1995),



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

apontam para o crescimento do número de africanos escravizados no Rio de Janeiro, que vai de 119.141 em 1844 para mais de trezentos mil no início da década de 1870, que vinham de Salvador ou do tráfico ilegal de Sudaneses.

Além das mulheres e homens negros escravizados, outros tantos alforriados assolados pela falta de trabalho, perseguições religiosas, marginalização e falta de moradia em Salvador, passam a enxergar na província do Rio de Janeiro uma oportunidade de recomeço, tal como observamos no depoimento de Carmem Teixeira da Conceição abaixo:

Tinha na Pedra do Sal, lá na Saúde, ali que era uma casa de baianos e africanos, quando chegavam da África ou da Bahia. Da casa deles se via o navio, aí já tinha o sinal de que vinha chegando gente de lá. (...) Era uma bandeira branca, sinal de Oxalá, avisando que vinha chegando gente. A casa era no morro, era de um africano, ela chamava Tia Dadá e ele Tio Ossum, eles davam agasalho, davam tudo até a pessoa se aprumar. (...) Tinha primeira classe, era gente graúda, a baianada veio de qualquer maneira, a gente veio com a nossa roupa de pobre, e cada um juntou sua trouxinha: “vamos embora para o Rio porque lá no Rio a gente vai ganhar dinheiro, lá vai ser um lugar muito bom”. (...) Era barato a passagem, minha filha, quando não tinha, as irmãs inteiravam pra ajudar a passagem. Eu queria achar um livro que a enchente extraviou, aquele livro sim é que tinha as baianas todas, subindo em cima do navio, tocando prato. Tinha nas minhas coisas mas a enchente extraviou. (...) Dois, três dias de viagem, a comida a gente fazia antes de vir, depois era ali mesmo, tomava camaradagem com aqueles homens de lá de dentro do navio, sabe como é baiana, mais uma graça, mais outra” (Depoimento de Carmem Teixeira da Conceição, arquivo Corisco Filmes). (MOURA, 1995, p.43)

Ao desembarcar no porto do Rio de Janeiro, homens e mulheres negras permanesciam nas imediações, ocupando a região que ficou conhecida como



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Pequena África⁴. Nela o povo negro passa a marcar o território com a sua presença, não mais como escravos mas como homens e mulheres libertos, e são resilientes frente as barreiras do racismo postas pelo estado e pela sociedade que impedem o acesso a terra e dificultam as oportunidades de trabalho. Desse modo, as casas das tias baianas, os terreiros de Candomblé, os sindicatos e os blocos carnavalescos passam a ser organizações importantes para a construção de uma comunidade negra no Rio de Janeiro.

4.2 As Pessoas

Para Pollak (1992) as pessoas são um dos elementos que constituem às memórias individuais ou coletivas. Tais pessoas não precisam necessariamente fazer parte do mesmo espaço-tempo daquela que guarda a memória, mas serem visitadas no passado pela sua relevância na vida de um indivíduo ou grupo, servindo como um elo de continuidade histórica.

As mulheres negras no final do século XIX e início do século XX foram responsáveis por edificar essa grande comunidade negra no Rio de Janeiro. Mães de Santo e Tias baianas desempenharam o papel de acolhimento de negras e negros recém-chegados no porto como libertos ou fugidos da escravidão. Tia Ciata, Tia Carmem do Xibuca, Tia Percilhiana, Tia Sadata da Pedra do Sal e Mãe Aninha são nomes de algumas mulheres responsáveis por dar vida a Pequena África, pois é em torno da mulher negra que gira a economia, a cultura e a religiosidade do povo preto nessa época. A abertura de pensões ou zungus, o preparo e a venda de doces e quitutes nas ruas e a orientação religiosa do povo ficava a cargo dessas mulheres, na maioria das vezes. Além disso, embora quase nunca mencionada, a participação das mulheres no samba ia além do abrigo das rodas nos quintais de suas casas, tendo como exemplo a participação de Tia Ciata na composição do samba Pelo Telefone.

⁴Termo cunhado pelo pintor e sambista Heitor dos Prazeres, denominando a área que se estendia da zona do cais até a Praça Onze.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Apesar de também desempenharem um papel importante na vida religiosa, como é o caso do babalorixá João Alabá e dos líderes religiosos haussas, os homens negros em suas articulações sindicais ou nas rodas de capoeira construíram uma grande resistência frente as violentas ações do poder público. Uma figura importante nesse contexto foi o estivador e capoeirista Prata Preta, que liderou a revolta da vacina na Praça da Harmonia, constituindo um grande enfrentamento às políticas sanitaristas e higienistas de Pereira Passos e Oswaldo Cruz.

4.3 Os lugares

Praças, zungus, cortiços, terreiros de Candomblé, as casas das tias baianas, os sindicatos e as sedes dos ranchos carnavalescos são alguns dos exemplos de lugares de memória que serão resgatados nesse trabalho, embora a maioria deles tenha sido apagada da cidade após os inúmeros processos de urbanização.

Os cortiços ou casas de cômodos era o local de moradia da maioria da população negra residente na zona portuária do Rio de Janeiro, devido a necessidade de habitar a região pela oferta de trabalho no porto, e o baixo custo de se viver em habitações coletivas. A precarização dessas habitações e posteriormente suas remoções, fazia parte dos planos de governo da virada do século XIX que tinham como objetivo a expulsão da população negra e pobre para os subúrbios cariocas com o pretexto da higienização e o embelezamento da cidade. Nos mapas que serão apresentados em breve será possível identificar o endereço de alguns desses imóveis.

Em relação às práticas religiosas, a Rua Barão de São Félix foi local de moradia de negros islâmicos e endereço do importante terreiro de João Alabá (RIO, 1904), Pai de Santo da Baiana Tia Ciata.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Era candomblé nagô. Na casa de meu pai enchia muito. Elas assim que vinham da Bahia, vinham pra cá, era na casa de meu pai que a baianada vinha. Porque lá, da Bahia, Costa da Mina, vinham barricas de búzios, sabão da costa, obi, orobô, mel de abelha, azeite de dendê, isso tudo vinha despachado pra lá, porque era a casa do Rio de Janeiro forte no santo, a baianada toda se acoitava ali. Depoimento de Carmem Teixeira da Conceição. Arquivo Corisco Filmes. (MOURA, 1995, p.92)

Alufás, Pais de Santo e Mães de Santo foram de grande importância para a edificação da comunidade negra na zona portuária. O terreiro de João Alabá “era um dos mais importantes pontos de convergência e afirmação dos baianos de origem” (MOURA, 1995, p. 91), e além desse, haviam os candomblés de Cipriano Abedé e de Mãe Aninha, tão importantes quanto o de Alabá. Assim, Pais de Santo e Mães de Santo exerciam sua liderança sobre a comunidade negra através do culto dos orixás.

O largo de São Domingos era importante local de concentração de negros. Nele estava a Igreja de São Domingos, que começou a ser construída por uma irmandade composta por pretos no local da capela de São Domingos, que constituía um pequeno santuário também de pretos (LIMA, 1990). No largo de São Domingos morava Tia Bebiana, irmã de santo de Tia Ciata e importante figura dos ranchos de carnaval.

Aproveitando a ocasião convida todos os ranchos para que seja a lapinha, conforme uso baiano, em casa de nossa camarada Bebiana, onde estarão os ramos para quem primeiro chegar ao largo de S. Domingos n° 7 — presidente Hilário Jovino. Aviso publicado no Jornal do Brasil de 2 de fevereiro de 1906 (MOURA, 1995, p.93)

Além de Tia Bebiana outras personalidades do samba e do carnaval moravam na região, como Miguel Pequeno e Tia Ciata, que moraram na Rua da Alfândega.

[...] os ranchos com sua lapinha desfilavam debaixo da janela de Tia Bebiana e da Tia Ciata, essa ainda em sua antiga moradia, na rua da Alfândega, esquina de Tobias. (MOURA, 1995, p.93)

[...] os baianos que chegavam de sua terra iam para a casa do Miguel Pequeno ou então da Tia Bebiana que morava próximo. Miguel Pequeno era uma espécie de cônsul dos baianos. As casas daquele tempo tinham sempre quatro a cinco quartos,



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

de modo que dava pra todo mundo. (Depoimento de Donga, em As vozes desassambradas do museu, Museu da Imagem e do Som/RJ). (MOURA, 1995, p.104)

Com as políticas de embelezamento empregadas por Pereira Passos, o grupo que reside nessa região é o mais afetado, tendo que se organizar em um novo local, a Praça Onze, que ficou conhecida posteriormente como a capital da Pequena África. É nos arredores da Praça, no terreiro das casas das Tias Baianas, que nascem as rodas de samba, as primeiras composições e as organizações carnavalescas.

Imagem 04: Primeiro mapa com levantamento das territorialidades negras existentes no início do séc. XX

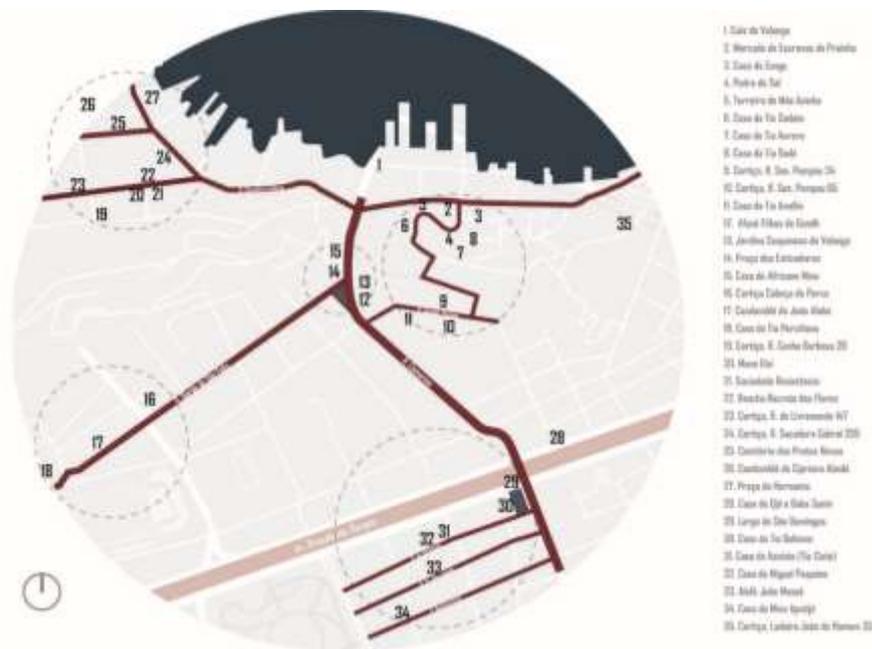


Fonte: Construção da autora.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Imagem 05: Mapa da Territorialidade Negra na Pequena África



Fonte: Construção da autora

4.4 Os acontecimentos

O terceiro e último elemento que constitui a memória são os acontecimentos, que podem tanto serem vividos pessoalmente como “vividos por tabela” (POLLAK, 1992). Aqui destacaremos o surgimento do samba e do carnaval, e como a intervenção do estado através dos projetos de transformação urbana interferiram nas organizações populares e na concepção do atual carnaval carioca.

Ao assumir a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro em 1902, Pereira Passos inicia sua gestão colocando em prática as promessas de ordenação da cidade através da proibição do uso dos trilhos das companhias de bondes pelos “carrinhos de mão”, impede que os “mercadores ambulantes de leite conduzam as vacas pelas ruas para a venda desse gênero”, proíbe a venda ambulante de miúdo de reses e a venda ambulante de bilhetes de loteria. Além da instituição desses primeiros decretos, Passos faz um lembrete ao povo que o jogo do entrudo, primeiras manifestações carnavalescas, está proibido desde 1981 (BRENNAN, 1985).



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

É nesse contexto de proibições do final do século XIX e início do século XX que surgem os primeiros ranchos carnavalescos. Como apresentado no tópico anterior, o largo de São Domingos era um dos locais de saída desses ranchos, com a benção das Tias Baianas da Janela de suas casas. Entretanto, com as obras de Pereira Passos na região e o deslocamento da população negra para o bairro da Cidade Nova, o carnaval passa a se organizar na Praça Onze e ganha maiores proporções com o surgimento das escolas de samba.

Imagem 06: Notícias do Carnaval, O Jornal, 1938.



Fonte: [Biblioteca Nacional Digital](#).

Os mapas a seguir mostram o deslocamento da população negra no centro do Rio de Janeiro em dois momentos diferentes, as reformas higienistas de Pereira Passos (1902 – 1907) e a abertura da Avenida Presidente Vargas (1940 – 1942). A mancha amarela indica as áreas ocupadas pela comunidade negra ao longo dos anos, e as linhas em vermelho representam as vias alargadas ou projetadas nos dois períodos em questão. A área hachurada em azul que aparece no segundo mapa indica a área aterrada para a construção do porto durante as reformas de Passos. Tal área permanece até os dias de hoje ocupada majoritariamente por galpões do porto e edificações da União.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Imagem 07: Mapa da presença negro no centro do Rio de Janeiro.



Imagem 08: Mapa das áreas de intervenção na Reforma Pereira Passos.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL



Imagem 09: Mapa da área influenciada pela abertura da Avenida Presidente Vargas.



Fonte: Construção da autora.

Voltando para a temática do carnaval, a abertura da Avenida Presidente Vargas foi responsável por apagar de vez os locais que guardavam a memória do surgimento do



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

carnaval: O Largo de São Domingos e a Praça Onze. Capital da Pequena África, a Praça Onze viu surgir o Samba e o Carnaval nos quintais das Tias Baianas e nos Terreiros de Candomblé. Era na praça onze o ponto de encontro e organização dos desfiles dos ranchos baianos, das escolas de samba, além dos blocos e cordões (MOURA, 1995). Sua demolição para a construção da avenida foi de grande comoção pra a população negra e um marco do apagamento da memória nessa região.

Praça Onze

(Herivelto Martins/Grande Otelo; 1941)

*Vão acabar com a Praça Onze
Não vai haver mais Escola de Samba,
Não vai
Chora o tamborim
Chora o morro inteiro
Favela, Salgueiro,
Mangueira, Estação Primeira
Guardai os vossos pandeiros, guardai
Porque a escola de samba não sai.*

*Adeus minha Praça Onze, adeus
Já sabemos que vais desaparecer
Leva contigo a nossa recordação
Mas ficarás eternamente em nosso coração
E algum dia nova Praça nós teremos
E o teu passado cantaremos.*

Embora os desfiles de carnaval tenham se reorganizado posteriormente na Avenida Presidente Vargas (1943) e no Sambódromo da Marquês de Sapucaí (1984), a vida daqueles que construíam o carnaval foi deslocada para outros lugares, dando vida ao samba nos morros e nos subúrbios cariocas. O espetáculo que vemos hoje no centro



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

é apenas uma alegoria do samba vivido ao longo de todo ano na quadra das escolas da zona norte e da baixada fluminense.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As palavras embelezamento, ordenação, salubridade, revitalização são constantemente empregadas quando se deseja intervir sobre um território habitado pelas comunidades pobres e negra, e que possuem certo potencial especulativo. Para efetivar as ações do poder público em parceria com o capital privado faz-se necessária a invisibilização dessa comunidade que é apartada de seu lugar e por consequência destituída de sua identidade.

A cartografia é uma ferramenta a ser explorada não só como forma de mapear nossas histórias e memórias, mas também possibilitar o fomento de novos debates a partir da apropriação de métodos cartográficos por parte dos grupos invisibilizados, como é o caso do mapeamento coletivo e da cartografia social.

Não será possível pensar cidades mais justas e com menos desigualdades sem o envolvimento de todos os grupos que não só habitam, mas constroem o espaço urbano. A abertura de novos caminhos e possibilidades para um planejamento urbano efetivo passa pela visibilização da população negra e pobre, de suas memórias e identidades, pois assim como o simbolismo do pássaro Sankofa da tradição do povo Ashanti, é preciso retornar ao passado para construir bases para o futuro.

REFERÊNCIAS

BRENNA, Giovanna Rosso Del. O Rio de Janeiro de Pereira Passos: Uma cidade em questão II. Rio de Janeiro, 1985.

LIMA, Evelyn Furkim Werneck. Avenida Presidente Vargas: uma drástica cirurgia. Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, “Biblioteca Carioca”, 1990.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

MOURA, Roberto M. Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

NASCIMENTO, Abdias do. O Quilombismo. Rio de Janeiro, Editora Petrópolis, 1980.

PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992, p. 25-28.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2018.

RIO, João do. As religiões do Rio. (1904). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

RISLER, Julia e ARES, Pablo Manual de mapeo colectivo: recursos cartográficos críticos para procesos territoriales de creación colaborativa - 1a ed. - Buenos Aires: Tinta Limón, 2013.

ROCHA, Agenor Miranda. As nações Kêtu: origens, ritos e crenças. Os candomblés antigos do Rio de Janeiro. (1994). Rio de Janeiro: Mauad, 2000.